

Franciscus de Marchia, *Reportatio IIA: Quaestiones in secundum librum Sententiarum*, edited by T. SUAREZ-NANI et al., (Ancient and Medieval Philosophy - Series 3: Francisci de Marchia Opera Philosophica et Theologica, 1, 2, 3) Leuven University Press, Leuven 2008-2012.

Vol. I: *Quaestiones 1-12*, edited by T. SUAREZ-NANI – W. DUBA – E. BABEY – G.J. ETZKORN; 272 pp.; ISBN 9789058677006.

Vol. II: *Quaestiones 13-27*, edited by T. SUAREZ-NANI – W. DUBA – E. BABEY – G.J. ETZKORN; 314 pp.; ISBN: 9789058678478.

Vol. III: *Quaestiones 28-49*, edited by T. SUAREZ-NANI – W. DUBA – E. BABEY – G.J. ETZKORN; 502 pp.; ISBN: 9789058678942.

Os estudos em torno da obra de Francisco de Marchia (Franciscus de Marchia, Franciscus de Esculo, Franciscus Rubeus de Pignano, Francesco d’Ascoli, Francesco d’Appignano, Doctor Succintus) têm vindo a ganhar novo fôlego desde há cerca de três décadas. Pierre Duhem e Anneliese Maier já haviam notado a sua importância para a história da ciência. Estudos mais recentes foram-se inteirando da sua importância noutras áreas, quer enquanto influenciando autores fundamentais como Guilherme de Ockham e Gregório de Rimini, quer na originalidade das suas posições relativamente a assuntos tão diversos como o dos futuros contingentes e o da polémica com o papado de Avignon sobre a pobreza apostólica. Tradicionalmente visto como um escotista, Francisco de Marchia é, afinal, um autor bem mais original do que se pensava. Perante o interesse renovado de especialistas sobre este autor, surgiu a necessidade de proceder à edição das suas obras, na sua grande maioria apenas disponíveis em manuscrito. Nazareno Mariani, Girard J. Etzkorn, Russell Friedman e Christopher Schabel têm sido os responsáveis por diversos trabalhos de edição crítica. Os dois últimos tiveram a iniciativa de criar um projeto para a edição da *Opera Philosophica et Theologica* de Francisco de Marchia, edição esta que se propõe a trazer para os nossos dias, entre outras obras, as várias versões dos seus comentários às *Sentenças* de Pedro Lombardo.

A obra que aqui se apresenta faz parte deste mesmo projeto. Trata-se da edição crítica de uma das três diferentes redações da *Reportatio* do segundo livro das *Sentenças*, a «*Reportatio IIA*» (doravante Rep. IIA). Esta redação encontra-se em 14 testemunhas e é a mais importante das três, quer por ser a mais difundida, quer por ser a mais extensa. Os três volumes da edição da Rep. IIA estão organizados tematicamente: o primeiro volume, que contém as questões 1 a 12, trata da criação; o segundo, que contém as questões 13 a 27, da angelologia;

o terceiro, que contém as questões 28 a 49, trata de dois assuntos, a saber, cosmologia (qq. 28-36) e psicologia (qq. 37-49).

Cada um dos volumes abre com uma longa introdução de dois dos editores: Tiziana Suarez-Nani e William Duba. No primeiro volume, começa-se por uma apresentação biobibliográfica de Francisco de Marchia. De resto, a estrutura da introdução de cada um dos três volumes é bastante semelhante. Os editores começam por fazer um resumo dos conteúdos de cada questão. De seguida, um estudo exaustivo das fontes utilizadas por Francisco de Marchia. Depois, uma longa e rigorosíssima exposição da história da transmissão dos manuscritos da Rep. IIA. Finalmente, inventariam os maiores desafios e problemas em torno das suas opções editoriais. Todos os volumes contêm ainda no final uma extensa bibliografia e vários índices (das passagens bíblicas referidas; das autoridades; dos códices; dos nomes e lugares), instrumentos fundamentais para quem queira debruçar-se sobre Francisco de Marchia. Enquanto instrumento de pesquisa para os investigadores, esta edição tornar-se-á certamente numa peça-chave, dada a sua qualidade e completude.

Apesar de se tratar de um comentário às *Sentenças* de Pedro Lombardo, mesmo nas questões de cariz mais teológico, Francisco de Marchia tematiza pontos filosóficos fundamentais, como veremos. O comentário é demasiado extenso para entrarmos em pormenores, pelo que se apresentarão aqui apenas um elenco dos problemas tratados e as posições mais distintivas e originais do autor.

O primeiro volume (questões 1 a 12) diz respeito à criação. Estarão em causa autores como Henrique de Gand, Duns Escoto e Pedro Auréolo, a partir dos quais Francisco de Marchia formula as suas soluções, ora aproximando-se de um ou vários deles, ora demarcando-se. O assunto da criação é o campo no qual se desenvolvem doutrinas sobre modalidades de ação e causalidade, o problema do nada (dado que os autores cristãos advogavam a criação *ex nihilo*) e a relação entre a natureza temporal da criatura e a natureza eterna de Deus. Neste volume, Francisco de Marchia debate-se com as seguintes questões: a criação ser criação de singulares e a subsequente crítica à noção escotiana de *natura communis*; o problema da demonstrabilidade da passagem do não-ser ao ser, que é, para Marchia, indemonstrável; a distinção entre o sujeito da criação e o objeto da criação, isto é, o problema de se antes das criaturas serem criadas já havia uma potência passiva da criação, coisa que negará; a relação entre criação e conservação; o estatuto da relação enquanto aplicável a Deus e à criatura; a explicação da ação da criação através do par ação - paixão, que coincide com o par vontade criadora - criatura; e finalmente, a muitíssimo controversa questão da eternidade do mundo.

Nesta última questão do 1º volume, Francisco de Marchia distingue o plano da possibilidade do plano da atualidade e defende que embora atualmente as coisas não sejam assim, poderia ser que a criação fosse eterna e simultaneamente as coisas fossem sucessivas.

O segundo volume (questões 13 a 27), por sua vez, diz respeito aos anjos, tema fundamental para a história da filosofia, dado que é nele, muitas vezes, que se dão as grandes inovações conceptuais. A determinação teórica das características de uma criatura puramente espiritual propicia esta criatividade, potenciada pelas exigências das condenações de Paris de 1277, que impediram, por exemplo, que se pudesse defender que não há anjos da mesma espécie porque não têm matéria ou que os anjos não ocupam um lugar. Embora se discutam problemas como o de saber se os anjos falam uns com os outros, desengane-se quem pensar que a angelologia é um assunto sem interesse. Neste conjunto de questões, Francisco de Marchia defende o seguinte: não se pode provar racionalmente a existência de substâncias puramente imateriais; o hilemorfismo universal deve ser rejeitado e a composição dos anjos é uma composição de ato e potência; contra Egidio Romano, Godofredo de Fontaines e Tomás de Aquino, podem existir vários anjos da mesma espécie e a matéria não pode ser princípio de individuação; os anjos ocupam um lugar, vários anjos podem ocupar o mesmo lugar e o movimento dos anjos não pode ser instantâneo; as faculdades humanas superiores e as angélicas não são iguais, pois o intelecto humano, apenas para dar um exemplo, necessita do *phantasma* na imaginação para conceber a realidade; a imortalidade da alma imaterial não pode ser provada racionalmente; e o desejo dos demónios para o mal não pode ser causado por outra coisa que não a sua própria vontade, ou seja, Francisco de Marchia reitera um voluntarismo radical segundo o qual o hábito nunca pode determinar uma escolha, apenas facilitá-la ou dificultá-la.

O terceiro volume (questões 28 a 49) é especialmente importante para quem esteja mais interessado em temas estritamente filosóficos. Sem ser exaustivo, é no primeiro grupo de questões cosmológicas que surgirão: a discussão sobre a natureza da matéria, da forma e do composto hilemórfico; o trabalho sobre as noções aristotélicas de espaço, isto é, ‘onde’ (*ubi*) e posição (*situs*); a ideia de que o céu não só tem matéria, como a matéria do céu é homogênea com a matéria do mundo sublunar, passo fundamental para a homogeneidade do universo da ciência moderna; e uma crítica da doutrina segundo a qual a matéria é a causa da corruptibilidade. No segundo grupo de questões, sobre a alma humana e as suas faculdades, encontram-se discutidas as seguintes temáticas: a interação do intelecto, e também da alma vegetativa e da alma sensitiva, com o corpo, onde

se define que nem o intelecto, nem as almas vegetativa e sensitiva têm extensão; o debate sobre a pluralidade ou não de formas substanciais nos seres dotados de alma, no qual segue o dimorfismo de Henrique de Gand e de Duns Escoto; a *vexata quaestio* da unidade do intelecto, tema polémico, antes de mais pelas suas consequências escatológicas e morais, no qual Francisco de Marchia dirá que a multiplicidade dos intelectos se demonstra a partir da multiplicidade de indivíduos; a causalidade do intelecto na cognição e da vontade na ação, assuntos nos quais discordará de Duns Escoto; a relação entre o intelecto e a vontade, com primazia desta, que pode agir independentemente dos juízos intelectuais práticos; e a causalidade divina, tendo em vista, por assim dizer, uma teodiceia.

Em suma, podemos dizer que estamos perante um grande acontecimento editorial. Os estudos em torno de Francisco de Marchia estão a adquirir grande solidez e está visto que este autor merece ser lido, interpretado, não apenas enquanto influenciando terceiros, mas nas suas próprias propostas filosóficas desafiantes. Decerto que num futuro próximo esta edição terá consequências na compreensão geral da evolução das discussões filosóficas e teológicas no século XIV.

Mário Correia

(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)